

CHOREI DE VÉSPERA

UMA NARRATIVA DE MORTE E RESSURREIÇÃO

de Isabel Nery

O livro de Isabel Nery, expressivamente intitulado *Chorei de véspera*, é apresentado pela autora como um ensaio. É-o, certamente, mas eu preferiria talvez classificá-lo como uma prodigiosa e dilacerante narrativa de um caso real de morte e ressurreição.

O mito da “morte e ressurreição” é muito antigo e não começa sequer com Lázaro ou Cristo, que, segundo a lenda vigente, morreram e ressuscitaram. Ressurreição que seria sempre benfazeja e transformaria, por sua vez, em benfeitor o por ela beneficiado. Já no antigo Egito, o faraó e deus Osíris teria sido assassinado pelo seu irmão Set e ressuscitado por obra, graça e astuta manipulação de sua esposa e irmã Ísis. Ressuscitado, Osíris teria, segundo a lenda, assegurado a vida e a felicidade eterna a todos os seus protegidos, tornando-se uma divindade benfazeja que encarna a terra egípcia e a sua vegetação, destruída pelo sol e pela seca, mas sempre ressurgida pelas águas revigorantes do Nilo.

A ressurreição, tal como no mito egípcio e no mito cristão e, mais do que provavelmente, em mitos de outras civilizações, representaria, repito, não apenas um *bem*, para o ressuscitado, mas também para todos a quem este passaria a proteger, como propiciador de benesses, de vida e de outras ressurreições (por exemplo, a seca que devém fartura vegetativa e a secura que devém água).

Nesta bela narrativa de Isabel Nery, cuja leitura nos trespassa, nos inicia e nos instrui – além de nos vivificar – a autora conta-nos um período, ao mesmo tempo curto e longuíssimo, da sua vida recente, em que foi visitada por um brutal e turbulento AVC, que a pôs às portas da morte: “Senti-lhe o hálito”, diz ela, com atroz expressividade, em certo ponto da narrativa. Narrativa de uma iniciação no processo de morrer e, portanto, história de uma aprendizagem de sofrimento, solidão, sentimento de vida prisional e incapacidade de partilha de uma experiência tão singular, este livro não é menos o relato revigorante de um regresso à vida, lentamente conquistado, mas, finalmente, coroadado de sol e de riso.

Regressar da morte deve ser uma grande euforia. Na peça de teatro *Lazarus laughed (Lázaro riu)*, do grande dramaturgo americano Eugene O’Neill, quando Lázaro regressa à vida e sai do túmulo, logo no início da peça, é de tal modo assaltado por uma incontida alegria, que não pára de rir, do princípio ao fim da peça, arrastando, atrás de si, uma multidão contagiada pelo seu entusiasmo. No final deste seu depoimento recheado de lúcidas e comoventes reflexões, Isabel Nery convoca, em epígrafe, o riso de Régio, na significativa passagem em que o poeta nos intima a rirmos: “Ri, arre!, ri, irra!, ri!” E a autora chega ao fim do relato da sua aventura arriscada, confessando: “Sorri. Ri. De mim. Da vida. Da morte. De ter chorado como se fosse aquele o momento.” Como o Lázaro de O’Neill, Isabel, Lázaro ressuscitado deste nosso tempo, entrega-nos, hoje e aqui, este seu evangelho, que é uma boa nova de uma chegada ao território do sol, mas não escondendo a ameaçadora e prolongada escuridão que foi necessário atravessar, antes de lá chegar.

Morte e ressurreição – este mito que impregna, de modo profano e metafórico, toda a obra de ficção, de teatro e de poesia de José Régio, é também a metáfora viva que banha toda esta narrativa de uma atroz experiência hospitalar. Uma travessia entre a vida e a morte (arrastando perigosamente a asa a esta...) com regresso, no fim, à vida: “Tinha feito”, diz a autora, “uma longínqua travessia. Que não podia partilhar.” E, sobretudo, uma experiência, uma travessia que lhe era infligida prematuramente: “A minha reflexão sobre a morte”, observa Isabel, “estava a acontecer cedo demais.” De facto, aos 37 anos, ninguém está preparado para sentir o hálito da morte: tais visitas não fazem parte do protocolo dessa idade. “Ainda assim”, comenta a autora, “pus-me a caminho. Ia ser longo. Era melhor começar quanto antes.”

Jornalista, escritora, manipuladora de palavras, Isabel propunha-se não perder pitada daquela aventura arriscada, apesar da agonia e da sensação de partilha difícil, de quase inevitável infabilidade. Mas, de início, as palavras vão traí-la: “As palavras representavam uma parte importante da minha vida e eu estava incapaz de me focar numa linha que fosse.” As palavras são essenciais a nós todos, mas são formidavelmente vitais para quem vive delas. Samuel Becket, irlandês solitário, sabia do que falava, quando dizia, sem temer o excesso: “As palavras são tudo o que nós temos.” Outro irlandês, igualmente excessivo, grande poeta, isto é, prestidigitador de palavras, William Butler Yeates, dizia também: “As palavras devem constituir um prazer intenso para o escritor, tanto quanto a pele curtida para o sapateiro.” As palavras são, em suma, o principal equipamento do escritor, do jornalista, do repórter. Lá mais para diante, Isabel Nery recuperará o domínio da palavra, leva um Moleskine e uma

caneta de plástico para dentro do aparelho de ressonância magnética e escreve 14 páginas de um “texto desvairado” – palavras dela - em que podemos colher pérolas despretensiosas mas carregadas de significado. Por exemplo:

- “Tenho esta ilusão de que as más experiências são boas tutoras. Têm de servir para alguma coisa. Se não for assim, tudo perde sentido.” Pascal – o que recomendava que se fizesse bom uso das doenças – estaria de acordo.

- “Só quero que o problema se resolva. Para poder voltar a viver. A rir. E a pensar livremente.” Cá está: vontade de rir, que há-de estar ligada, por força, à ressurreição a haver. Ressuscito, logo rio.

- “Imagino que o meu trabalho como jornalista pode fazer a diferença. Utopia? Talvez. Mas será que alguma coisa vale a pena sem utopia? A morte da utopia é a única, a verdadeira morte.”

- A ideia de que o futuro pode não chegar a ser presente dói.”

- “Os fins podem sempre ser inícios”, diz Isabel Nery. Podem: com ela, felizmente, foram.

- Por fim – seleccionei muito – estas palavras que contêm toda uma estratégia que fez uso dos comportamentos profissionais, como forma de sobrevivência: “As palavras que registei não foram escritas com o objectivo de serem publicadas. Nem sabia se iam resultar palavras daqueles rabiscos que me entretive a grafar. Na verdade, não se tratava de deixar alguma coisa para a posteridade ou de aproveitar a tensão do momento para criar. As minhas razões eram bem mais prosaicas: escrevi para sobreviver.” Para sobreviver, tinha de começar por adiar a morte, até encontrar modo eficaz de lhe dar bom e bravo

combate. Para sobreviver, adiar: “Era tudo o que queria: um adiamento. Não é o que todos queremos?” O romancista americano Scott Fitzgerald dizia que se pode chicotear as pessoas com palavras: Isabel foi chicoteando a Parca para longe, para o futuro longínquo, para que a deixasse em paz, a fruir o presente e o próximo futuro: “Vou-lhe às fuças”, ameaça ela a morte, com palavras em clave de chicote. As palavras, como terapia, como estratégia, como chicote, como recurso último. Não só as palavras emitidas no presente ajudam. Algumas que escreveu no passado podiam também ser convocadas para o bom combate. Por exemplo: “O texto que publicara na *Visão* também deixava relatos de esperança: «Ultrapassar um acidente vascular cerebral é possível. Voltar a ter uma vida normal também.» Agarrei-me a isso.” Tudo eram boas munições para a guerra. A alegria a haver tem o seu preço e exige, no presente, força e astúcia. Era preciso sair daquela vizinhança com a morte: “Estava farta de fazer o luto de mim mesma.”

A guerra foi-se fazendo, mas a que preço! Por algum tempo imobilizada, impedida do mais pequeno gesto, sob perigo de completo desmoronamento, Isabel tornou-se prisioneira: “Vem-me à memória”, diz ela neste livro que não nos dá folga, “mais uma vez, o paralelismo entre os hospitais e as prisões. Depois de uma vivência dependente, perdida a autonomia, o regresso à liberdade, por mais desejada que seja, é um caminho árduo.” Só quem o não viveu o não compreende: a prisão tolhe-nos, sufoca-nos, mas acabamos por temer, mais do que as grades, a liberdade cá fora. “Fizeram-me prisioneira de mim. Para o meu bem.” “Podia até ter poder físico sobre o meu destino, mas abdicara do mental. Tornara-me dócil. Em nome da vida.”

Este longo processo que vai da (quase) morte à ressurreição amadurece e fortalece o doente, que se não deixa abater – lutar contra a morte ainda é a melhor receita para vencê-la - , torna-o mais sábio, mais equipado para vencer: “O pior era o beco do «Porquê eu?». Depois de muito conversarmos, eu e ela [a morte] percebi que não existe «Porquê eu?». A principal causa da morte é o nascimento. Só isso.” Começa assim a haver uma certa acomodação com a realidade da inimiga – não que o combate se atenua, mas há, sobre o inimigo, um olhar mais sóbrio, mais sábio, menos raivoso: “Quer dizer que vamos ser grandes amigas [eu e a morte]?”, pergunta Isabel em certo ponto mais avançado da sua travessia. E responde, com verdade e sem temor: “Não, nada disso. Mas, em vez de medo, ganhei-lhe respeito.” A morte, efectivamente, deixa de assustá-la. Combate-a, mas aceita que ela está ali, faz parte da vida: “É assim para todos: começamos a morrer no dia em que nascemos. Somos vivos provisórios, embora a verdadeira consciência disso tenda a carecer da proximidade da morte.” Isto é, ter-lhe sentido o hálito ajudou-a a crescer por dentro, a perceber melhor, a aceitar, mas sem desistir da luta.

Que longa travessia! Que espantoso combate! Mas teve alguns aliados: “Os meus filhos foram a minha cura. Sei-o pela verdade das mães: eu dei-lhes a vida entregando-os ao mundo; eles mantiveram-me viva e fizeram-me ressuscitar.” De facto, para a ressurreição se consumir, poderia haver, talvez, vários recursos. Mas o melhor deles e o mais eficaz talvez tenha sido o filho de quatro anos que “agarrava as bochechas [da mãe] de forma a garantir que [ela] não desviava os olhos dele, observava a mazela e perguntava: «Mãe, já estás tanta boa?» Que fazer, numa

situação destas, senão ganhar a guerra? E foi isso que aconteceu, para maior felicidade de quantos vão ler este belo livro.

Eugénio Lisboa